

# O FENÔMENO DOS DOIS LADOS DA MOEDA NA CRIAÇÃO DE PERSONAGENS - ANÁLISE DA SÉRIE ANIMADA INFINITY TRAIN

ANTHONY CARVALHO<sup>1</sup>;  
GISSELE AZEVEDO CARDOZO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – carvalhoanthony58@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gisselecardozo@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Este documento tem como objetivo abrir uma discussão a respeito da criação e idealização da série animada *Infinity Train* (2019), criada por Owen Dennis e produzida pela *Cartoon Network*, considerando um padrão de relação entre personagens particulares entre si e o que pode significar essa escolha a partir do criador e escritores da série. O assunto deste trabalho ocupa o campo do cinema de animação.

*Infinity train* é uma série antológica, o que significa que embora se passe no mesmo universo, cada temporada é protagonizada por personagens diferentes. No contexto da série, o “Trem Infinito” é uma máquina supostamente sem fim e de origem desconhecida, que abzu pessoas do nosso mundo e as prendem nesse meio de transporte onde cada vagão é uma realidade diferente com suas próprias lógica e elenco de personagens, o objetivo do trem é que essas pessoas tenham uma jornada emocional com o fim de solucionarem seus problemas pessoais, seus traumas, etc. Cada “passageiro” recebe um número que relaciona o progresso próprio desse indivíduo baseado no julgamento algoritmo do trem. Quando o número chega a zero, a pessoa consegue uma porta para voltar para casa.

A expressão “dois lados da mesma moeda” apresenta a ideia de dois elementos distintos compartilharem algo ou um contexto que une os dois em uma coisa só. Na série foi notado esse padrão recorrente ao decorrer da narrativa na escrita dos personagens, porém de modo variado entre eles, que são usados como artifício para conduzir a história e a mensagem que foi idealizada pelos criadores.

## 2. METODOLOGIA

A série se constitui em quatro temporadas no total. Pensando no objetivo da pesquisa, foi selecionado em suas respectivas temporadas uma revisão de literatura focada no desenvolvimento, contrastes e similaridades de e entre personagens, que embasa a análise dos arcos dos personagens da série em comparação com seus pares de forma a criar o *storytelling*. Como fundamentação metodologia estão citados roteiristas e escritores que discutem esses retratos de personagens.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O principal tema da obra se entende por ser a aceitação que esses personagens têm que desenvolver, com o fim de alcançar um crescimento individual. Por Joseph Campbell (2009) foi definido o conceito da jornada do herói, em que ele faz uma análise sobre os mitos, histórias antigas de diferentes culturas e os padrões encontrados nelas, culminando nas etapas que um personagem passa durante uma narrativa para alcançar uma ressignificação de caráter. Os rituais de tribos e

civilizações primitivas entendiam essa transformação em ultrapassar uma margem de mudança e a quebra de padrões internos. Os ritos de passagem se caracterizam como o término geralmente abrupto de alguma prática ou vínculo da vida antiga, então se inicia um determinado tempo de isolamento que é exposto a esse indivíduo a forma correta de sentir e pensar em uma nova condição, para por fim o momento chegar para a saída dessa pessoa, assim fazendo com que se sinta renascida.

Em primeiro momento, acompanhamos Tulip Olsen, uma menina de 13 anos que está lidando com a decisão de divórcio dos seus pais e as consequências subsequentes que isso vai desencadear na vida da garota, que se manifesta como razão central para a menina estar no trem. Durante o desenrolar da trama, Tulip vai crescendo emocionalmente e enfrentando a sua bagagem, passando pelos vagões que desencadeiam aleatórias situações que implicitamente servem como “lições metafóricas” que os personagens podem ou não usar para si mesmos.

Ao clímax da temporada, ela é confrontada pela antagonista da série, Amelia Hughes, uma passageira como Tulip que após a morte do seu marido, entra a bordo do trem e durante 30 anos está no controle do motor do trem que antes pertencia a outra entidade. Amelia exclama que está construindo um vagão para viver com o seu marido novamente, questionando Tulip da possibilidade de criar um vagão ao seu desejo, onde seus pais ainda estão juntos e sua vida continua a mesma.

Amelia, apesar de ser uma personagem com várias camadas e servir um propósito mais importante na trama geral da série, nesse momento pode ser interpretada como o arquétipo *shadow* para Tulip. A “sombra” é representada pelos vilões, inimigos ou um antagonista. O antagonista não necessariamente tem intenções ruins, pode compartilhar dos mesmos desejos do herói mas existe algum desentendimento quanto à forma de alcançá-los. Na função dramática, o personagem sombra é usado como comparação ao herói, ressaltando as qualidades do mesmo (VOGLER, 2007). Ambas revelam o caminho alternativo que elas poderiam ter tomado caso tivessem feito escolhas diferentes.

Na segunda temporada, acompanhamos o reflexo de Tulip. A protagonista, nos acontecimentos anteriores, esteve em um vagão onde os reflexos tem personalidade únicas. O reflexo de Tulip fala para a menina sobre estar angustiada de apenas refletir a vida da outra personagem, referida como “a original”. Tulip ajuda o seu reflexo escapar para o mundo real, e as duas seguem caminhos diferentes. A jornada de Lake, nome escolhido pela personagem posteriormente, é conseguir a liberdade de ser a sua própria pessoa e viver a sua identidade, enquanto é constantemente perseguida pela “polícia do espelho” por não estar exercendo o papel que foi designado a ela.

Eventualmente, ela se encontra com Jesse Cosay, um passageiro novo que Lake auxilia a reduzir o número do garoto para zero, assim fazendo ele sair do trem. Em diversas situações, Jesse demonstra uma necessidade de querer agradar a todo mundo, levando-o a situações desagradáveis e prejudiciais. Em determinado momento da série, Lake assiste um vídeo gravado no celular de Jesse que mostra com um grupo de outros meninos fazendo uma pegadinha com o seu irmão mais novo. Jesse, pela pressão dos amigos acaba seguindo com a brincadeira que leva seu irmão a se machucar. Jesse e Lake conversam, e o rapaz fala que não queria ter feito isso. Os dois personagens dividem a mesma raiz de desejo: aceitação social, só que para conquistar isso, agem de formas diferentes.

Personagens totalmente diferentes podem dividir uma humanidade e senso de motivação. É possível descobrir a essência dos personagens quando são postos sob pressão e precisam fazer escolhas perigosas. Se o personagem mesmo em um

contexto de risco por contar a verdade, ele insiste em falar-la, demonstra que está na sua natureza. (MCKEE, 2013).

Assim como Lake, os habitantes do trem que pertencem e foram criados para viver em cada vagão designado, são perseguidos por uma turma de jovens passageiros hostis com a ideologia que acreditam possuir mais “direito” de existir nesse lugar do que esses seres. Eles acreditam que a pessoa com maior número seria considerado o líder e teria mais poder para comandar os outros. No entanto, ao contrário do propósito do trem de crescer como pessoa e levar o número ao zero, eles agem de maneira oposta, destruindo vagões, saqueando e maltratando os moradores. Dito isso, na terceira temporada os dois líderes desse grupo, Grace Monroe e Simon Laurent, acabam por se distanciar do seu grupo e, no caminho de volta, acabam encontrando Hazel, uma menina de aproximadamente seis anos que é criada por uma Gorila. Ao desenrolar da história, Grace vai criando empatia pela menina e seu número começa a diminuir, estopim para um desentendimento entre Grace e Simon ao longo dos episódios. Parecido com o arco de Lake e Jesse que procuram uma aceitação social, os protagonistas da terceira temporada compartilham um desejo de pertencimento em um grupo ou em outra pessoa.

Grace e Simon, ao longo da narrativa, são constantemente questionados por questões exteriores sobre as suas ações enquanto a estadia no trem. Grace se abre para a mudança e a aceitação do seu jeito de pensar estar errado, Simon por outro lado entra em um estado de negação profundo e constantemente se tornando mais infenso no enredo. Para expressar uma mudança no personagem, John Truby (2008) apresenta o *Double Reversal*, que consiste em dar ao herói da história e ao rival um mesmo tipo de “revelação de si próprio”. Os personagens aprendem entre si, e quem assiste recebe dois entendimentos da narrativa. O autor observa que essa técnica é um tanto atípica, visto que o personagem do rival geralmente não tem a capacidade de ter essa revelação.

Simon, em comparação, começa sendo aliado a Grace, mas até o clímax assume um papel antagonista em relação a ela. É possível que o personagem esteja no limiar dessas duas afirmações: Como personagem, ele não experimenta a revelação total necessária que seria o ideal, mas, ainda assim, cumpri o objetivo de expor dois tipos de conhecimentos para o desenvolvimento temático do roteiro.

A quarta temporada acompanha Ryan Akagi e Min-Gi Park, dois aspirantes a estrelas de rock que acabaram se distanciando durante uma época das suas vidas e se encontram novamente quando entram a bordo do trem. Ryan e Min-Gi possuem personalidades contrastantes que frequentemente entram em conflito, pois ambos têm visões diferentes de mundo. Ryan é impetuoso, impaciente, um espírito livre e inconsequente, enquanto Min é calculista organizado e prefere seguir as regras ditadas pelos outros.

Fica subentendido na série que ambos precisam aprender um com o outro e também consertarem essa relação que foi deixada sinuosa em acontecimentos passados. Embora, em um primeiro pensamento eles detestam essas características que os diferem, existe o desejo interno de ambos de viver a vida um do outro, e alcançar, dentro de uma visão distorcida de “vida sucedida e ideal” o que é apenas consequência dessa diferença.

John Truby fala sobre a técnica de dois personagens protagonistas, *The love story* e *The buddy picture*. Nas “histórias de amor”, é dito que uma pessoa não consegue o senso de si estando sozinho, que pela convivência com o outro se desbloqueia a autenticidade e individualidade. O amor é uma porta para o crescimento pessoal e possibilita o contato com o próprio interior. Em contrapartida,

aponta que em histórias de amor, uma pessoa vai ter um foco central mais dominante do que outra, ambos personagens inicialmente possuem essa exposição, mas ao longo da narrativa alguém vai seguir nessa busca do desejo. Na “estratégia do amigo”, se divide o herói em dois seres, que apresentam perspectivas distintas e virtudes individuais. Um dos elementos fundamentais dessa relação é a desavença entre as duas personalidades dos amigos, o obstáculo que movimenta as emoções dos personagens um pelo outro. A diferença faz com que o espectador entenda que é por esse fato que o casal de personagens funcionam tão bem.

Apesar de ser indiciado o possível interesse romântico dos personagens, não existe confirmação do fato na série ou por parte dos criadores. Independente disso, Ryan e Min-Gi se encaixam principalmente no *Buddy Strategy*, ainda que compartilham semelhanças entre esses dois tipos de estratégia de escrita de personagem.

#### 4. CONCLUSÕES

A abordagem utilizada pelos criadores de *Infinity Train* é uma das ferramentas usada na constituição da série, que pode ser vista como um exemplo de design de personagem a ser usado e de *storytelling* instigante tanto para quem assiste, quanto para quem estuda cinema, audiovisual ou de animação e gostaria de entender as possibilidades usadas para contar uma história e executar em roteiro, com toda a sua amplitude e complexidade na hora de se desenvolver personagens profundos e possivelmente a dinâmica entre eles.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TRUBY, J. **The Anatomy of Story : 22 Steps to Becoming a Master Storyteller. First paperback edition**, Farrar: Straus and Giroux, 2008.

CAMPBELL, J. Prólogo: O monomito. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2009. Cap.1, p.08-10.

McKee, R. Estrutura e Personagens. **Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro** . Curitiba: Arte & Cultura, 2013. Cap.5, p.105-108.

VOGLER, C. BOOK ONE: Mapping the Journey. **The writer's journey: mythic structure for writers. 3rd ed**. Studio City, CA: Michael Wiese Productions, 2007. Cap 1, p. 65-68.

INFINITY Train: The complete four seasons. Creator and executive produced by Owen Dennis. Executive producer: Jennifer Pelphrey and Tramm Wigzell. United States: Warner Bros. Television Distribution, 2019. Disponível pela Amazon Prime. 40 episódios (440 min).